



SEÇÃO: TRADUÇÃO

Maquiavel como filósofo¹

Machiavelli philosopher

Maquiavelo como filósofo

Guy Debord

**Davi Galhardo Oliveira
Filho²**

orcid.org/0000-0002-0736-5729
davi.galhardo@hotmail.com

Recebido em: 5 maio 2021.

Aprovado em: 6 out. 2021.

Publicado em: 7 jul. 2022.

1) À primeira vista, nada mais estranho a qualquer preocupação filosófica do que esta obra. Maquiavel não escreveu nada sobre o gênero, importando-se pouco em citar os filósofos antigos mais notórios, tendo manifestado uma completa indiferença às questões religiosas ou metafísicas. Sua obra, aparentemente contraditória, e cujas ambiguidades alimentaram quatro séculos de interpretações polêmicas (por exemplo, sua apologética da tirania e seu republicanismo – oposição famosa entre o autor de *O príncipe* e o do *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* [Nota: *O príncipe* é de 1513, e o *Discursos* foi iniciado no mesmo ano]), é estranha a toda exposição *sistemática*.

Sobretudo: Maquiavel é aquele que, primeiramente, rejeita toda ilusão moral ou "ideológica", e propõe-se explicitamente a descrever a realidade das relações sociais-históricas, contra as aparências: "Mostrou-se mais conveniente saber a verdade efetiva das coisas do que imaginá-las" (*O príncipe*) [Citação extremamente célebre, essencial].

[Nota: O mesmo texto acrescenta esse argumento, eminentemente prático: "O modo como vivemos está longe do modo como deveríamos viver, que aquele que deixa de fazer aquilo que deve fazer, aprende mais a se perder do que se conservar"].

2) Mas, essa obra que visa unicamente a relações reais dos homens e a sua história contém, de fato, concepções subjacentes do homem e da história. Todas as duas tradicionais, e todas as duas partilhando da verdade filosófica (greco-romana ou parcialmente cristã), embora Maquiavel tenha levado ao extremo a primeira dessas, de modo que se torna tudo banal quanto à segunda.

A) *Concepção de homem*. Ele é mau, mas, manifesta subdivisão em duas categorias.

Citação geral, universal e absoluta: "os homens sempre se descobrem malvados no final, se não forem necessariamente compelidos a serem



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Nota inédita, cuja data de redação ainda não foi determinada pela Bibliothèque nationale de France, responsável pelo espólio do autor. Acreditamos, no entanto, que se trata de um manuscrito dos anos 1970, quando Debord se dedicou com maior ênfase ao estudo do que nomeou de "lógica da guerra" [N. T.].

² Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

bons" (*O príncipe*).

a) Categoria dos homens comuns: dominados pelo medo e interesse particular (mas esse interesse é raramente bem compreendido, eles são muitos bobos e adoram se iludir).

Citações: "Os homens não são menos lentos em saber o que está à sua porta do que rápidos em cobiçar o que está além do seu alcance" (*Histórias de Florença*).

"Os homens esquecem a morte de seu pai mais rápido do que a perda de seu patrimônio" (*O príncipe*).

"Se a discórdia surgiu entre suas tropas, envie-as ao perigo, o medo sempre as unirá" (*A arte da guerra*).

b) Categoria dos heróis: bem diferente do "homem histórico" de Hegel. Ele está *sozinho*, e aquilo que realiza é apenas para si mesmo, pelas circunstâncias que não são mais que acidentais (e historicamente equivalentes). É apenas uma questão de dominação, com astúcia e força, para fins privados.

Os fins privados (que são assim os mais altos fins da humanidade) são *o poder e a glória* – que para Maquiavel não podem ser contrariados: o excesso de um deve ser o excesso do outro; e todo excesso é bom, se os são os meios. Com certeza, ele está "além do bem e do mal" (não há mais nenhum valor comum reconhecível), mas a ideia nascida na Grécia de um "juízo pela posteridade" sobre os heróis, aparece com a ideia de uma história universal, e segue importante e essencialmente igual: ele é somente amoral agora, e já não teme nenhuma "desmesura".

O homem que pode – portanto, que deve – realizar a si mesmo, realiza a sua virtude. Esse famoso conceito intraduzível me parece bem traduzido como "maestria". No sentido de que se disse que o fogo tem a virtude de consumir a madeira. É imperativo usar a palavra em italiano ao escrever habilmente sobre Maquiavel!

Citações: "Um espírito sábio não condenará jamais quem usar meios externos às regras ordinárias para estabelecer uma monarquia ou fundar uma república. O que se deseja é que se o fato lhe acusa, o resultado lhe absolve [...]" (*Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*).

E, sobre César Bórgia – "todas essas empreitadas do que reunidas e consideradas, não vejo como dignas de serem retomadas[...]".

"...Tendo um grande coração e grandes intenções, *ele não poderia se comportar diferentemente [...]*" (*O príncipe*, grifo meu).

B) *Concepção da história*. Ela é absolutamente cíclica. Ligada ao tempo cíclico real [,] tão bem compreendida pelos justamente famosos teóricos recentes, essa concepção de Maquiavel chega a crer no eterno retorno das mesmas formas de governo [Nota: O excesso da monarquia absoluta resulta na República. O que degenera em desordem, e traz de volta a tirania. A monarquia reestabelece a ordem controlando o despotismo etc.], na mesma ordem fatal. Esse é um dos pontos mais frágeis do pensamento de Maquiavel (e, por tanto, de sua análise concreta de sua própria época) porque o tempo histórico já estava correndo em linha reta, os velhos tempos ficaram para trás...

Citação: "O efeito mais comum das revoluções pelas quais os impérios passam é levá-los da ordem à desordem e depois de volta à ordem. As coisas humanas não foram criadas para parar [*s'arrêter*] em um ponto fixo quando alcançaram a sua mais alta perfeição; não podendo elevar-se, elas despencam; e pela mesma razão, quando alcançaram o fundo da desordem, falta o poder de cair mais baixo, elas se reconstróem, e a assim vão sucessivamente do bem ao mal e do mal ao bem" (*Histórias de Florença*).

3) Problema (aparente): Como conciliar a *aparente* banalidade das concepções filosóficas de Maquiavel e a indiscutível originalidade de seu pensamento; especialmente o fato dele estar no centro de qualquer debate moderno sobre o significado da sociedade e das ações humanas?

Hic Rhodus, hic salta:

– Maquiavel apresentou da forma mais brutal o problema dos fins e dos meios (Relações com a violência política moderna).

– Essa é uma descrição precisa da ação histórica, em que a história ainda carece de sentido.

– Sua filosofia é pobre na medida em que sua concepção de história é arcaica (já para o seu tempo). Mas, sua busca pela "verdade efetiva da

coisa" atinge o cerne do *problema da verdade da filosofia*. Maquiavel é, de um ponto de vista moderno, um filósofo na medida em que visa realizar [réaliser] o que era, em filosofia, a ideologia da verdade; mas, antes da "realização da filosofia" ser historicamente formulada e realizável. IN.B. Essa última assertiva é um pouco pesada.

– Quando seu maior comentarista marxista chega, Antonio Gramsci (*Notas sobre Maquiavel*), "a filosofia da práxis" encontra bases históricas mais conscientes.

Davi Galhardo Oliveira Filho

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza, CE, Brasil. Doutorando em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em São Luís, MA, Brasil.

Endereço para correspondência

Davi Galhardo Oliveira Filho
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
R. Marquês de São Vicente, 225
Edifício Cardeal Leme, 10º andar, sala 1063
Gávea, 22541-041
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.